

A TRANSPLANTAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NA FRANÇA COMO MEIO EXPLICATIVO DO MODELO DE SOCIALIZAÇÃO DO CASAL FRANCO-BRASILEIRO

MARTA DOS SANTOS SILVA*

* Universidade Paris 4 Sorbonne

RESUMO

O modelo de transplantação da mulher brasileira na França é um meio explicativo do processo de socialização conjugal do casal franco-brasileiro. A conjugalidade é estudada por meio do método tipo-ideal, levando em consideração os fatores geográficos e culturais da mulher brasileira, em que a questão do estereótipo está no centro do objeto do estudo. A distância cultural, fundadora desse modo de misto conjugal, permite-nos analisar a negociação entre o homem francês e a mulher brasileira em busca da harmonia conjugal e familiar, segundo as normas estabelecidas.

PALAVRAS-CHAVE

Socialização. Conjugalidade. Mulher. Estereótipo. Transplantação.

ABSTRACT

The model of the transplantation of the Brazilian woman in France is one way of explaining the process of conjugal and family socialization of this couple. Conjugalinity is studied according to an ideal-typical approach with the issue of stereotypes at the center of the object of study. Geographical and cultural factors of the Brazilian woman are taken into consideration. Cultural distance, which is at the foundation of this type of conjugal mixity, allows us to analyze the negotiation that takes place between the French man and the Brazilian woman, to reach conjugal and family fulfillment, according to the established norms.

KEY-WORDS

Socialization, conjugalinity, Brazilian woman, stereotypes.

INTRODUÇÃO

O modelo de transplantação da mulher brasileira na França é um meio explicativo do processo de socialização conjugal do casal franco-brasileiro. Suas experiências pessoais, sobretudo a razão pela qual ela foi morar na França, revelam o modelo conjugal que o casal franco-brasileiro socializa-se no país receptivo e constrói sua vida conjugal enquanto casal misto¹. Sendo assim, passamos primeiro pela experiência da mulher brasileira, depois chegamos à compreensão das estratégias construídas pelos casais. A conjugalidade é estudada por meio do método tipo-ideal, levando em consideração os fatores geográficos e culturais da mulher brasileira, em que a questão do estereótipo está no centro do objeto do estudo.

O casal franco-brasileiro (composto de um homem francês e de uma mulher brasileira) é um exemplo da necessidade de construções estratégicas da vida conjugal e familiar segundo as normas contemporâneas do casamento. A distância cultural, fundadora desse modo de misto conjugal, permite-nos analisar a negociação entre o homem francês e a mulher brasileira em busca da harmonia conjugal e familiar, segundo as normas estabelecidas.

Este artigo é baseado na construção conjugal de casais franco-brasileiros que moram na França. Ele foi extraído de um trabalho de Doutorado que teve como título: “As construções de estratégias conjugais e familiares de casais franco-brasileiros”. Aqui nós discutiremos alguns pontos relevantes da pesquisa no que concerne a duas importantes dimensões deste estudo: a “transplantação” da mulher brasileira na França no aspecto individual e a dimensão “conjugal” do casal franco-brasileiro. Neste artigo podemos compreender, por meio da exposição empírica pela “tipologia” dessas duas dimensões, algumas estratégias para responderem a certos fatores inerentes ao aspecto linguístico e social da mulher brasileira, assim como também conhecer as construções de estratégias da vida conjugal, social e profissional desses casais.

O objetivo da nossa pesquisa com casais franco-brasileiros foi de compreender a manifestação de estratégias criadas por eles para construir suas vidas conjugais e familiares. Usamos a noção de “compreender” segundo a teoria de Max Weber: “Compreender é levar o fenômeno social às ações individuais e examinar os motivos dos atores se colocando em seus lugares” (WEBER, 1971 *apud* CHERKAOU, 1997). Nós compreendemos que o casal franco-brasileiro ao qual tivemos acesso é o resultado de uma construção estratégica de vida conjugal e familiar segundo a transplantação da mulher brasileira na França. A “estratégia” está no centro da vida humana, pois os atores sociais devem resolver os problemas consequentes à liberdade (BAECHLER, 2010). E a liberdade constatada nesta pesquisa representa a livre escolha conjugal que pode ser representada como diferente, sobretudo no âmbito social, mas que pode ser considerada pelos atores como semelhante.

As implicações culturais abrem um caminho a percorrer experiências de vida desses casais como meio de conhecimento dos objetivos de homens e mulheres em uma relação matrimonial contemporânea, em que o amor e a razão são totalmente associados na tomada de decisão de fundar um matrimônio. Por meio de uma questão generalizada – “Quais são os problemas que nascem em um casamento pelo fato de ele ser constituído por uma mulher brasileira e um homem francês?” – analisamos as estratégias e as negociações que esses casais construíram para solucionar, por um lado, problemas ligados as suas diferenças culturais e, por outro, os problemas inevitáveis na vida de todos os casais contemporâneos.

1. ITINERÁRIO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Para facilitar a compreensão da nossa problemática, vamos dividir a análise teórica em dois itens: a questão do termo “transplantação” e o estereótipo da mulher brasileira; em seguida, antes de expor os resultados da análise do terreno pela tipologia de formas de transplantação e de relação conjugal, vamos expor a teoria sobre a relação conjugal contemporânea.

2. A COMPREENSÃO DA NOÇÃO ANALÍTICA DO TERMO “TRANSPLANTAÇÃO” DA MULHER BRASILEIRA NA FRANÇA

Inspiramo-nos na obra de Gabrielle Varro, *La femme transplantée*, sobre mulheres americanas casadas com franceses, a qual foi realizada há mais de 30 anos (VARRO, 1984). A fim de também buscar compreender a experiência individual da mulher brasileira que saiu do seu país de origem a um país receptivo (no caso, França) para trabalhar, estudar ou simplesmente se casar com um francês. Mas nossa pesquisa também teve o interesse de compreender as estratégias de vida conjugal do casal franco-brasileiro. A análise da experiência, primeiro da mulher brasileira, antes de entrar no contexto conjugal e familiar, revelou-nos pontos significantes da compreensão da construção conjugal desses casais. Compreendemos por seus relatos que o país em que elas encontraram seus cônjuges é revelador, no que diz respeito ao modelo de adaptação e a construção conjugal que o casal vai buscar construir por meio de suas estratégias. O país do encontro pode ser um instrumento significativo da “intencionalidade” da mulher brasileira de viver na França, pois esse fator explica o modo com que ela construirá sua relação social, profissional e, sem dúvida, esses fatores mexem com a estrutura conjugal.

A mulher brasileira que tinha a intenção de vir para a França para estudar e trabalhar, e também as americanas que decidiram vir por conta própria tiveram uma adaptação mais positiva e assumem um prazer maior de viver na França do que aquelas que declararam ter vindo pelo fato de terem se casado com um francês (VARRO, 1984). As mulheres brasileiras que demonstraram ter mais dificuldade em se interessar pelo aprendizado da língua francesa, que tiveram mais dificuldades de se integrarem profissionalmente e de terem

uma sociabilidade com o povo francês são na maioria das vezes mulheres que encontraram seus cônjuges no Brasil. Ela não tinha, a princípio, a intenção de sair do seu país. O casamento com um francês foi o único motivo que a levou a ser “transplantada” de seu país de origem.

Em nossa pesquisa, o termo “transplantação”, mesmo que inspirado pelo trabalho da socióloga Gabriela Varro, toma características diferentes para uma análise tipológica. Qual é o sentido dado ao termo “transplantação” na literatura de casamentos mistos e imigração? Para Varro e Gebauer (1995), “transplantação” é uma instalação de longa duração ou definitiva em um outro país que não seja o que a pessoa possui a cidadania, longe do lugar no qual ela passou a infância e adolescência ou que tenha ainda a família ou que considere seu país de origem. A decisão de permanecer no novo país, de trabalhar, de fundar uma família ou de eventualmente se naturalizar consolida a pessoa transplantada. Os sociólogos mencionam que esse termo introduz uma mudança de perspectiva, o que quer dizer uma acentuação maior sobre o presente e sobre o futuro no país receptivo e não no passado ou num eventual retorno (GEBAUER e VARRO, 1995). O termo “transplantação” também se diferencia de “imigração”. Os dois explicam que a palavra “transplantação” tem algo de passivo comparado àquelas de mobilidade, de expatriação, de emigração e de imigração. Gebauer e Varro ainda mencionam que imigração é também um ato voluntário. Na França são considerados “imigrantes” primeiramente os trabalhadores que são assimilados aos indivíduos que chegaram em reagrupamento familiar. Mas o termo “imigrante” é fortemente estigmatizado pela inferiorização social das pessoas implicadas, e a palavra é praticamente reservada aos nacionais de “terceiro mundo”, que não possuem qualificação profissional. Os que são de países ricos e vieram para período mais ou menos curto, trabalhadores em empresas ou para estudar, beneficiam-se do termo “expatriados” (GEBAUER e VARRO, 1995). Em nossa pesquisa adotamos também o termo transplantação e não imigração, pois esse grupo de mulheres que estudamos não faz parte de um reagrupamento familiar. Mesmo que elas venham de um país em que exista uma distância em termos econômicos do país receptivo, elas fazem parte da população de classe média brasileira, e todas possuem uma formação profissional.

3. A MULHER BRASILEIRA COMO UMA REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA DE FONTE DE PRAZER

O estereótipo da mulher brasileira causa problema em seu processo de integração em um país estrangeiro. Como já é do conhecimento de todos, a imagem estereotipada do Brasil enquanto país do futebol e da mulher que usa fio dental na praia pode ser tanto vista de maneira positiva, como pode criar obstáculos no processo de adaptação de mulheres brasileiras no país de recepção. Esse fato é que determinou a escolha de estudar o relacionamento

conjugal franco-brasileiro, escolhendo a mulher brasileira como parte feminina do casal heterossexual.

Quais são os estereótipos que existem dentro do imaginário da população europeia – e em particular na França – concernentes à mulher brasileira? Segundo alguns estudos, podemos constatar que os estereótipos da mulher brasileira estão ainda ligados a sua cultura em geral. Quando se fala sobre o Brasil, em seguida menciona-se o “Carnaval” e, conseqüentemente, faz-se referência à mulher brasileira, à mulata, como foi notado em um estudo sobre “mulheres brasileiras na imprensa feminina francesa”. “É o ano do Brasil, é samba, é Rio, é praia, são bundas redondas sob o sol e a caipirinha” (DEPETRINI apud ROMAN, 2007). Em nossa pesquisa, entendemos que ainda hoje o estereótipo da mulher brasileira marca significativamente seu processo de integração e de adaptação em países estrangeiros. No entanto, verificamos também que cada indivíduo percebe diferentemente a importância dada ao seu estereótipo. As mulheres brasileiras a qual entrevistamos compreendem diferentemente uma da outra a questão da sua imagem estereotipada no processo de integração na França. Nós podemos admitir que todo indivíduo pode ser confrontado em um dado momento a sua imagem cultural num processo de integração. O que vai diferenciar é a maneira como ele busca se socializar com esse estereótipo em um país estrangeiro. Em nossa tipologia elaborada em relação ao nosso objeto empírico, construímos três tipos de modelos de transplantação da mulher brasileira, nos quais a concepção do seu “estereótipo” é o objeto de representações diferentes, associados a um grau de importância relativa a cada modo de socialização.

Homogamia social: o casal franco-brasileiro segue as normas construtivas da relação conjugal contemporânea segundo a teoria francesa sobre a construção conjugal: homogamia social, livre escolha do cônjuge e o amor como indissociável da relação conjugal.

O casal franco-brasileiro, com o qual nós trabalhamos ao longo desta pesquisa, enquadra-se na norma conjugal contemporânea, ou seja, tanto o homem como a mulher fazem parte da mesma classe social, prova da existência de uma homogamia social. Eles se escolheram livremente, sem nenhuma base de interesse familiar. Sendo assim, os cônjuges priorizam a liberdade e a individualidade distanciando-se da participação da família na escolha do cônjuge. Então, falamos aqui da livre escolha conjugal. E o terceiro fator da norma de construção conjugal contemporânea é a centralidade do amor. Esse se impõe como figura determinante das uniões modernas (SINGLY, 2009, p. 47).

Os estudos sobre casamento e família contemporânea mostram o reagrupamento de mecanismos no qual o social entra necessariamente em questão. De fato, a escolha do cônjuge não se faz por acaso, como costumam dizer os casais. A Sociologia realiza hoje um rompimento com as noções anteriores, conforme as indicações de Durkheim (2010). Nas análises sociológicas do casamento, as pesquisas mencionam sucessivamente a importância da homogamia social na escolha do parceiro. Isso significa que os casamentos são realizados entre indivíduos homogêneos socialmente, e os capitais social,

econômico e cultural são próximos. A descoberta dessa norma social vem do trabalho de Alain Girard² (1964, p. 16):

Proximité de résidence et d'âge ne sont pas les seuls caractères externes qui tendent à rapprocher des individus semblables. L'appartenance sociale joue un grand rôle dans le choix des conjoints l'un par l'autre... Les recherches sur la mobilité sociale dans les sociétés contemporaines concluent à une relative permanence des structures socio-professionnelles d'une génération à l'autre... Le choix du conjoint s'opère à l'intérieur des mêmes milieux apparaît du reste comme l'un des facteurs principaux qui assurent une relative permanence des groupes sociaux au cours des générations, en dépit des changements qui surviennent dans la structure globale.

A relação conjugal estudada nesta pesquisa segue essa característica em sua construção. Eles apresentam uma forte aproximação social. Sendo assim, nós os consideramos, dentro dessa norma, independentes de suas distâncias culturais. Segundo Gabriela Varro (1995), é mais fácil atravessar as barreiras culturais do que as barreiras sociais.

Observamos que as trajetórias dos fatores socioprofissionais dos casais (comparação de suas posições sociais) ou das características socioprofissionais de seus pais (comparação das origens) são meios que confirmam a tendência de as uniões matrimoniais se realizarem entre próximos socialmente (BOZON E HÉRAN, 2006, p. 199). Podemos, então, afirmar que os casais, independentemente de suas diferenças nacionais e culturais (país, língua), têm suas trajetórias sociais, profissionais e econômicas não diferenciadas manifestamente, sendo relativamente similares ou quase idênticas. O homem francês da classe média, por exemplo, indo ao Brasil para passar suas férias ou a trabalho, não frequentará os bairros menos privilegiados. Ele buscará encontrar mulheres que são do mesmo meio social que o dele. Da mesma forma, notamos que as mulheres brasileiras na França (aquelas que conheceram seus cônjuges no território francês) frequentam lugares que correspondem as suas classes sociais. “Podemos dizer que todo encontro se insere para cada um dos cônjuges, independentemente de suas nacionalidades, na continuidade de sua história e de sua vida cotidiana” (PHILIPPE *apud* VARRO, 1995, p. 54). Esses fatores semelhantes aos casais contemporâneos e não mistos não são suficientes para protegerem os casais franco-brasileiros de divergências, de dificuldades. A existência do misto relativo à cultura pode ser percebida mais no cotidiano do processo conjugal e social. De fato, os casais em geral, ou seja, aqueles não mistos culturalmente, obviamente têm suas divergências, mas as tensões do aprendizado sobre o plano cultural, como, por exemplo, aprender a língua francesa na vida da mulher brasileira, podem ser reveladoras das dificuldades que esse processo pode suscitar na vida conjugal. Portanto, são esses mesmos casais que vão testemunhar suas alegrias de viverem e de construir uma vida conjugal com uma pessoa de cultura diferente da deles. Por meio desses problemas, percebidos na vida do

casal franco-brasileiro, nós podemos apreender suas construções estratégicas de solução aos problemas encontrados em suas relações.

4. LIBERDADE, INDIVIDUALISMO E A DISTÂNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLHA DO CÔNJUGE

Ainda nesta análise teórica da semelhança entre o casal franco-brasileiro e o casal não misto culturalmente, podemos afirmar igualmente que o individualismo e a liberdade são fatores concretos na construção da união da mulher brasileira e de seu marido francês.

Uma característica maior é constatada na formação do casal e reside no desenvolvimento da modernidade nas práticas relativas à escolha do cônjuge. De fato, a norma da liberdade de escolher sua/seu esposa/esposo, quer dizer, segundo a expressão de preferências individuais, é efetiva dentro da nossa sociedade contemporânea – mesmo se ela vem de um contexto social.

Uma série de mudanças sociais e históricas ligadas ao movimento da liberalização dos hábitos conduziu a extensão do individualismo (SINGLY, 2009, p. 29-40). Desde aquele momento, o papel assumido pela família na escolha do cônjuge, dentro das definições coletivas das expectativas formuladas no quadro social, inclinou para se tornar minoritário (HURTEBISE, 1991, p. 115-124).

O ato de escolher deu ao indivíduo a autonomia, livre do contexto familiar. Isso é questionado no caso de casais mistos? Nós podemos adiantar que a *mixidade*³ cultural, no caso de franco-brasileira, constitui uma prova dessas normas na medida em que ela introduz a estranheza, o não convencional dentro da conjugalidade para esses dois grupos de atores sociais distintos. Primeiro, para os futuros cônjuges, a significação conferida ao encontro e a construção consecutiva de sua união revelam-se mais urgentes que para outros casais que não possuem características mistas culturais. De fato, a necessidade de definir a relação amorosa dentro do quadro social é mais ressentida que no caso dos casais não mistos. Para os casais de culturas diferentes, a liberdade é acompanhada por uma orientação acelerada em favor do engajamento mútuo dentro da definição respectiva das expectativas dos dois futuros cônjuges, pois a situação do casal é marcada por um imperativo: a existência de um motivo reconhecido pela lei para que a mulher brasileira em questão possa continuar legalmente sua estada na França. Ora, essa necessidade é integrada na formação do casal franco-brasileiro, e aliás ele pode dar vários sentidos a essa situação. O que quer dizer que essa premência pode ser compreendida por eles, como uma consequência lógica dada a sua relação amorosa, ou, ao contrário, ela pode ser traduzida pelos atores sociais como uma obrigação puramente jurídica, pois esses indivíduos podem querer fazer como todos os outros, ou seja, estabelecer uma vida conjugal sem necessariamente se casar juridicamente.

Outra questão é que no seio da *mixidade* franco-brasileira, a família francesa é majoritariamente representada pelo fato de que o território de residência é a França. O grau das interações estabelecidas entre a família

do cônjuge francês e a futura esposa brasileira desenvolve-se em um espaço representativo marcado por uma busca de uma categorização do diferente. Podendo pegar a forma, ou não, de uma reconstrução estereotipada. Esse fenômeno de qualificação da estranheza no meio da conjugalidade afeta o papel das famílias francesas, engajando-as, pelo menos no que diz respeito ao plano do ideal, dentro do percurso da evolução da qualidade intrínseco na futura família dos sogros da mulher brasileira. Esses processos também são mencionados nos trabalhos de Augustin Barbara (1993). A escolha efetiva da *mixidade* cultural afeta as representações familiares quanto à originalidade da união. O autor apresenta uma entrevista realizada na qual os pais afirmam de maneira pejorativa a escolha conjugal que a filha fez pelo fato de ela ter escolhido fora de seu espaço geográfico: “ela se conformou com um estrangeiro” / “elle s’est rabattue sur un étranger” (BARBARA, 1993, p. 30). Nesse sentido, a escolha de um cônjuge estrangeiro não é neutra para as famílias respectivas, mesmo se na amostra empírica em que constituímos elas não interferiram diretamente na escolha do cônjuge do filho ou da filha. Mas no processo de relação entre a família do esposo francês com a mulher brasileira, em certos casos, os conflitos são notáveis.

5. AMOR INDISSOCIÁVEL NA CONSTRUÇÃO CONJUGAL CONTEMPORÂNEA

O amor é considerado o fundador da existência do casal. Esse aspecto é mencionado por S. Chaumier. O sentimento amoroso é associado ao modelo do alicerce de uma sexualidade exclusiva no interior da relação conjugal. “L’idéal de l’amour est demeuré le même. Encore aujourd’hui, celui-ci est régi par des règles de possessivité, de fidélité qui résumant, dans la plupart des représentations, la totalité de l’idéal amoureux” (CHAUMIER, 1999, p. 121). Ora, essa representação dominante do amor e da sexualidade responde a uma evidência social de construção, na qual os aspectos variáveis históricos e culturais exercem influências notáveis. A definição do ideal amoroso constitui a orientação normativa atual do casal contemporâneo. E os casais que fazem parte de nosso terreno empírico não escapam dessa realidade. O sentimento amoroso está no centro da construção conjugal dos respectivos casais franco-brasileiros. De fato, apesar da eventual variável das normas que cada um deles pode efetivamente colocar em prática, o amor perdura enquanto razão da existência da relação.

A questão da finalidade do amor poderia ser definida como a esperança da felicidade e do prazer que esse sentimento traria ao casal. A expressão “finalidade humana” – usando aqui uma denominação utilizada por Jean Baechler – seria o objeto de um percurso de vida onde cada protagonista social recorre a um conjunto de estratégias, visando a superar as dificuldades por meio das soluções eficientes para os problemas encontrados (BAECHLER, 2010, p. 19).

E. Morin defende a tese segundo a qual poucas uniões chegam a uma total sincretização da experiência amorosa, cumprindo síntese de todas as dimensões (MORIN *apud* CHAUMIER, 1999, p. 38).

O cumprimento das experiências amorosas carrega problemas: “Não existe casal realizando a totalidade das experiências. Portanto, a vontade de conciliar os diferentes elementos em um só amor é um sintoma da modernidade. O ideal é concentrar toda experiência em uma só e única relação. O cumprimento desse ideal de autossuficiência constitui o mesmo ponto comum dos amores modernos” (CHAUMIER, 1999, p. 38). Os casais franco-brasileiros não escapam a essa dificuldade profunda, eles buscam construir suas relações com essa realidade, orientando-se à base de uma tentativa de enriquecimento específico pela diferença cultural. Essa dualidade de cultura a faz como um objeto de tratamento particular, segundo as três modalidades «tipo-ideal» que nós elaboramos⁴. A atividade de “resolução” ou “solução” dos problemas postos, pelo próprio fato de ser um casal e ainda mais um casal culturalmente misto, é mais intensa, e a busca de estratégias aparece mais forte como necessidade de reduzir essa dupla fonte de diferenças, resultando numa melhor leitura da pesquisa por meio da finalidade relativa ao amor.

6. POPULAÇÃO EMPÍRICA ESTUDADA

A pesquisa empírica de âmbito qualitativo foi recolhida por meio de entrevistas diretas, com 30 casais franco-brasileiros que moram em Paris e proximidades. As entrevistas foram realizadas de forma biográfica. O casal não foi entrevistado junto, entrevistamos os maridos separados de suas esposas e vice-versa.

Trabalhamos com casais em que o homem é francês e a mulher, brasileira. Todas as mulheres são legalizadas na França. Elas não fazem parte da população de movimento migratório de massa e são de classes média e média superior brasileiras. As esposas que entrevistamos vieram para a França por razões pessoais, como: casamento com um francês, para estudarem e/ou para se beneficiarem de uma ascensão profissional.

7. TRÊS MODALIDADES DE CONSTRUÇÃO DE TRANSPLANTAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NA FRANÇA E DE CONJUGALIDADE DO CASAL FRANCO-BRASILEIRO

Todo material recolhido foi analisado por meio de uma “tipologia” de forma de construções de regimes que nos permitiu estudar, de maneira inteligível, as hipóteses sobre as estratégias dos indivíduos em questão. O quadro analítico de conjugalidade foi estudado segundo a orientação metodológica weberiana de “tipo ideal” (WEBER, 1971). Para este artigo particularmente, vamos apresentar apenas alguns resultados do estudo. Expomos alguns fatores das análises da dimensão da transplantação e conjugal. No que concerne à análise da experiência da mulher brasileira, ou seja, à dimensão transplantação, expomos os fatores linguísticos (processo de aprendizado da língua francesa), o fator de sociabilidade e a aquisição da nacionalidade francesa. Com relação à dimensão conjugal, apresentamos

as análises dos fatores relação conjugal, socialização e profissional do casal franco-brasileiro.

A variedade das estratégias elaboradas pelos atores do nosso estudo, o qual tinha o objetivo de alcançar a melhor maneira de “conjuguar” a relação para sustentar a união, conduziu-nos a elaborar três formas de “regimes-tipos”: “On peut convenir d’appeler régimes les modes des dispositifs et des procédures appropriés au traitement des problèmes et des solutions, et stratégies les mises en œuvre des moyens procurés par les régimes au service de la résolution des problèmes” (BAECHLER, 2009, p. 506). Cada regime carrega o nome que ilustra a opção cultural na qual os indivíduos podem estar o mais próximo para construir suas vidas no âmbito individual, conjugal e familiar com uma pessoa de cultura diferente: regime misto, regime brasileiro e regime francês.

“**A transplantação**” é uma análise que se interessa à apreensão das estratégias, especificamente femininas, no processo do aprendizado da língua francesa, da sociabilidade e da aquisição à nacionalidade francesa. Nesses fatores analisamos as hipóteses concernentes às decisões estratégicas.

“*A relação conjugal*” foi analisada em função da intencionalidade que esses indivíduos têm em fundar uma família com uma pessoa de cultura diferente. Dentro desse âmbito analisamos a questão do estereótipo da mulher brasileira, bem como a satisfação conjugal e sexual desses casais.

O fator de *socialização* na construção conjugal do casal franco-brasileiro se interessa pelas estratégias e negociações que ele constrói para formar a relação interna em suas vidas privadas e também a relação externa com a sociedade local. Tomamos a noção da intencionalidade desses casais para compreendermos seus desejos de construir uma identidade cultural relativa às suas representações, ou seja, uma identidade cultural direcionada a um modo de vida brasileiro, um modo de vida francês ou um modo misto.

O fator relacionado à *vida profissional* busca conhecer as estratégias criadas pelo casal para solucionar os problemas colocados no processo de inserção profissional, sobretudo da mulher brasileira. Aqui é analisada a importância do estatuto profissional da mulher brasileira na França. Estudamos o significado da integração profissional dela no que concerne ao fato de ela ser “mulher”, “brasileira”, “estrangeira” e “casada na França”.

Cada regime-tipo esclarece a relação da mulher brasileira com a vida profissional e o que isso pode implicar na relação conjugal, social e familiar do casal franco-brasileiro. Nós podemos notar que cada modelo de regime conjugal traz à luz diversas concepções que os indivíduos demonstram ter em relação a esse tema.

8. RESULTADOS DOS TRÊS REGIMES ANALÍTICOS

8.1. Transplantação da mulher do regime misto

As dificuldades relativas ao aprendizado da língua francesa são interpretadas pela mulher brasileira próxima desse regime como um problema

a superar no processo de vida na França. A estratégia adotada por ela é de conceber o processo como um enriquecimento linguístico e cultural. Dessa forma, a mulher brasileira mantém uma sociabilidade relativa à sociedade de residência, colocando em prática o uso da língua francesa. A mulher brasileira, que é próxima desse modelo de transplantação, normalmente teve uma estratégia de aprender a falar o francês antes mesmo de chegar à França, ou seja, ela tem uma abertura para aprender e conhecer essa nova cultura. No entanto, o fato de querer se relacionar com a sociedade receptiva não significa estar protegida das barreiras e dos problemas inerentes de um processo de integração e adaptação. No processo de aprendizado da nova língua, por exemplo, o sotaque é um fator apontado como meio de dificuldade no domínio da língua estrangeira. O ator social pode aprender a falar o francês, mas tem sempre uma dificuldade em perder seu sotaque, sendo esse considerado muitas vezes como uma barreira na comunicação oral.

A adaptação à vida na França é acompanhada de obstáculos inerentes à diferença cultural. A estratégia encontrada nesse modelo de transplantação é um desenvolvimento de um sentimento identitário associado a uma abertura para conhecer a nova cultura. Nesse regime, a cultura francesa não é vista como um refúgio. Sendo assim, a frequência dos círculos de sociabilidade brasileira na França é moderada e não exclusiva. A mulher brasileira desse modelo de transplantação busca conhecer e manter um contato com os atores sociais da nova cultura sem eliminar o contato com pessoas de sua cultura de origem.

Em relação à aquisição da nacionalidade francesa, a mulher desejará obtê-la por razão de uma intenção participativa à sociedade de residência no que se refere aos domínios de vida pública e profissional. Para ela, ter a nacionalidade francesa não significa renunciar a nacionalidade brasileira nem desprezar sua cultura de origem. Nesse caso, ter dupla nacionalidade vai de acordo com o relacionamento social e cultural que ela desenvolveu ao longo do seu processo de interação com os dois países. Aqui a aquisição da nacionalidade francesa é vista e considerada como um resultado efetivo de um percurso da vida na França. Notamos que é uma estratégia dupla e simultânea sobre o sentimento de pertencer e sobre a utilização para uma inserção profissional.

8.2. Conjugalidade do regime misto

A interpretação das singularidades, em termos de aparência física e de comportamento, está no centro da estratégia de suas conjugalidades (primeiro encontro do casal). De fato, os cônjuges próximos desse regime associam suas aparências físicas a um enriquecimento, a uma pluralidade que lhes servem como pontos positivos para a aproximação, o interesse que um tem pelo outro no âmbito da atração física, do desejo sexual e da sedução. Eles demonstram gostar dessa diferença física que pode, em certos casos, apresentar um casal de nacionalidades diferentes. Nesse caso, a diferença de origem é considerada como uma solução para o problema que manifesta a não satisfação em relação aos relacionamentos anteriores que esses cônjuges tiveram com pessoas da mesma nacionalidade.

Em relação ao nível de sociabilidade do casal desse regime, os obstáculos ligados à adaptação à vida francesa fazem parte de seus objetivos de construir estratégias ativas, quer dizer, modos participativos. Nesse modelo conjugal, a vida social é caracterizada por uma abertura cultural nos dois sentidos: tanto o homem francês busca conhecer a cultura de sua esposa, como a mulher brasileira buscará elaborar meios de conhecer as pessoas, a língua, a cultura em geral do país de residência, ou seja, a França. Assim, o casal mantém contato social com os membros desse país e naturalmente com a família do cônjuge francês, sendo essa uma estratégia frequente de sociabilidade.

A inserção profissional da mulher brasileira próxima do modelo conjugal “misto” é caracterizada por uma série de obstáculos em seu processo de realização. As dificuldades são localizadas dentro do processo de seleção. Para alcançar o objetivo de conseguir uma integração profissional na França, muitas estratégias serão utilizadas, como, por exemplo, usar sua língua nativa, o português, mas trabalhar para uma empresa francesa. Nesse regime, os atores consideram que o exercício profissional apresenta uma valorização para a identidade da mulher, o que não quer dizer que isso esteja ligado ao nível do salário recebido. A determinação de buscar uma vida ativa profissionalmente depende igualmente da independência que essa mulher deseja para sua vida. Nesse caso, sua inserção profissional é considerada como resultado positivo de sua integração social no país de residência.

8.3. Transplantação da mulher do regime brasileiro

No modelo “brasileiro” de transplantação, a distância cultural é uma fonte de dificuldade. A reação estratégica da diferença entre as duas culturas é dupla. De uma parte, o ator social cria estereótipos que a distancia da sociedade francesa, particularmente recusando qualquer tipo de aproximação afetiva com o país de residência. De outra parte, ela mantém um vivo apego a sua cultura de origem. Sendo assim, a cultura brasileira é o objeto de uma prioridade particular.

Nesse modelo de transplantação, as mulheres que se aproximam são normalmente aquelas que não pretendiam sair de seu país de origem e que tomaram essa decisão unicamente pelo casamento com um francês. O estudo mostrou que os atores sociais próximos desse tipo de transplantação estão no começo de seus processos de integração. O sentimento de recusar a conhecer o novo e uma visão estereotipada da sociedade receptiva são encontrados nas experiências dessas mulheres, entre o primeiro e o terceiro ano de vida na França.

Primeiramente, a dificuldade de aprendizado da língua francesa é superada por uma estratégia de recusar a prática dessa língua. Ela busca se exprimir unicamente em português, sobretudo se ela foi confrontada a uma ou várias experiências negativas associadas à falta de domínio da língua francesa.

Outro problema encontrado é a construção de um modo de vida “brasileiro”, mesmo que o indivíduo viva na França. A estratégia elaborada é

colocada sobre dois aspectos conjuntos. O primeiro consiste em desenvolver uma sociabilidade única e centrada sobre a cultura brasileira estereotipando os franceses. O segundo é privilegiar a comunicação verbal em português com o cônjuge. A solução explicativa dada pela mulher próxima desse modelo-tipo é uma categorização da cultura francesa do relacionamento como sendo radicalmente diferente da cultura brasileira. Sendo assim, as estratégias plurais serão definidas, tais como o uso quase exclusivo do português dentro da família, a limitação do uso da língua francesa na sociedade, o desenvolvimento de uma sociabilidade unicamente possível com brasileiros ou no máximo com casais “franco-brasileiros”. Nesse aspecto, a participação do marido francês é decisiva no sucesso dessas estratégias.

A mulher brasileira que é próxima desse regime encontra obstáculo recorrente às interações estabelecidas com a sociedade de residência em razão da existência de um estereótipo negativo das brasileiras. O comportamento espontâneo e afável pode ser interpretado erroneamente sobre as intenções pretendidas da mulher brasileira no ponto de vista do outro. A estratégia desse modelo de sociabilidade é de desenvolver um comportamento reservado, quase fechado. Nesse caso, o indivíduo passa a generalizar o olhar da sociedade francesa em relação à imagem da mulher brasileira. Para a mulher próxima desse regime, todo francês tem a mesma opinião negativa da mulher brasileira. Sendo assim, ela busca construir sua vida na França sem buscar um contato com as pessoas da sociedade receptiva. Evitar um estereótipo que é prejudicial, aqui é traduzido por uma frequência limitada a membros da sociedade francesa, reduzindo a exposição eventual de situações desprezadoras.

Para compensar a categorização negativa encontrada no exterior da vida a dois, as mulheres desse regime tendem a se apoiar em sua feminilidade, que elas definem como intensa em suas relações com seus cônjuges. Verificamos que no modelo “brasileiro” a mulher tem uma representação negativa da cultura francesa. Elas tanto usam o estereótipo da “mulher brasileira” para se afirmarem na relação conjugal, como podem também criar e usar o estereótipo da cultura local para evitar uma aproximação com as pessoas de nacionalidade francesa.

Se o indivíduo é considerado o centro de uma total representação cultural do seu país, de fato o estereótipo se torna um problema no seu processo de sociabilidade. A mulher pode, então, ser levada a afrontar essas concepções, adotando uma estratégia de exclusividade brasileira em sua relação de sociabilidade com o objetivo de se preservar das representações depreciáveis que são dirigidas a ela. Consequentemente, um apego incondicional à cultura brasileira será reafirmado.

Em relação à obtenção da nacionalidade francesa, esse assunto é uma verdadeira fonte de interrogações, sobretudo para a mulher que é próxima desse modelo de transplantação. Em geral, as mulheres brasileiras casadas com franceses adquirem a nacionalidade francesa ao longo do tempo. Mas nesse regime-tipo a obtenção é diretamente associada a uma significação de renegar a própria cultura de origem. Para colocarem no mesmo patamar de importância, elas não associam a aquisição da nacionalidade francesa a um

sentimento de pertencer afetivamente à cultura local. Elas buscam, então, diminuir os efeitos desse ato, considerando-o apenas formal e não identitário.

8.4. Conjugalidade do regime brasileiro

O primeiro problema a enfrentar é passar do estado de distância geográfica presente no começo da relação amorosa, visto que nesse regime os casais que se aproximam dele em relação a esse fator se encontraram no Brasil. Aqui o homem francês é mais engajado a se integrar na cultura da mulher brasileira. Os casais que são próximos desse modelo normalmente utilizaram a língua portuguesa para se comunicar. Isso traz a consequência da dificuldade da mulher brasileira em aprender a língua francesa. Essa mulher teria menos abertura para conhecer o modo cultural do novo país, visto que ela não tinha planos de morar na França. Sua vinda para a Europa é simplesmente pelo fato de se casar com um francês.

No entanto, a questão de ser um casal misto culturalmente é vista de maneira positiva e unicamente dentro do plano da vida privada, no âmbito da intimidade. No regime conjugal que chamamos de brasileiro, a cultura brasileira é posta de maneira estereotipada, servindo de apoio sobre o qual se manifesta a estratégia de construção conjugal por intermédio feminino. Ou seja, no plano da sedução, onde a sensualidade é apreciada pelos cônjuges, nesse ângulo do misto cultural. A mulher próxima desse regime considera o fato de ela ser brasileira uma qualidade no que diz respeito a sua sensualidade, a sua feminilidade, a sua aparência física. Ela pode até se considerar mais bonita fisicamente que as mulheres francesas. Do mesmo modo, o homem francês desse regime considera a mulher brasileira muito mais sensual, bonita e mais fácil para o relacionamento conjugal.

Uma dificuldade se apresenta nesse regime: ela surge do fato de que toda construção estratégica para uma orientação de integração e de socialização vem unicamente da cultura brasileira. Ou seja, aqui a mulher exerce claramente o papel de “socializadora” na família, é ela quem dá as diretrizes. Duas estratégias são disponíveis nesse regime: a primeira é de buscar uma satisfação sentimental e sexual, tendo um cuidado particular na vida íntima; nesse caso, a primeira diferença é atribuída pela mulher a seu marido na sua personalidade em relação aos outros franceses. A segunda é o engajamento do homem francês a uma sociabilidade brasileira na França, e isso é totalmente possível quando ele se conforma com as exigências da mulher brasileira. Nesse regime, observa-se a existência de uma ideia de mulher brasileira enquanto frágil de uma parte mais forte no que diz respeito à vida familiar, quando seu potencial é reconhecido unicamente no âmbito familiar ou de esposa.

Em relação ao nível profissional, dois tipos de estratégias são presentes para a mulher brasileira desse regime: a primeira é ligada à atividade associativa da sua cultura de origem, dando-lhe a possibilidade de se comunicar em língua portuguesa, visto que ela não tem uma disposição pessoal para aprender a língua francesa e nem se relacionar com as pessoas desse país. A segunda consiste a se desengajar da esfera profissional e viver unicamente como doméstica. No que se refere a esse fator (vida profissional), os casais

próximos desse regime consideram que a dedicação da mulher à família compensaria as gratificações profissionais que não puderam ser atualizadas ou conquistadas na França.

8.5. Transplantação da mulher do “regime francês”

Em relação ao aprendizado da língua francesa, reaparece o problema da frustração na medida em que a mulher próxima do modelo “francês” de transplantação gostaria de dominar o uso da língua do país receptivo. Situação ainda mais difícil quando ela não consegue chegar ao nível de fluência que é considerado como ideal para esse ator social. Nesse caso, um prazo para o aprendizado é necessário. A estratégia desenvolvida pode passar por um aprendizado mais exigente, como, por exemplo, fazer um curso universitário e determinar um contato social apenas com pessoas de nacionalidade francesa.

No regime “francês”, verificamos que as representações desenvolvidas pela mulher constroem um modelo de vida com desigualdade em relação ao contato com a cultura brasileira na França. Aqui o indivíduo prioriza a relação social unicamente com a sociedade receptiva, construindo uma relação determinada pela cultura francesa. A mulher próxima desse regime tem uma visão negativa de seu próprio país. Ela usa a oportunidade de viver na França como um meio de se desapegar dos códigos de sua cultura brasileira. A explicação é dada pelas experiências negativas vividas em seu país de origem e a disposição total de construir uma nova vida fora de seu país.

8.6. Conjugalidade do “regime francês”

Na vida conjugal desse casal, a mobilidade geográfica é mais exercida pela mulher brasileira. Sendo assim, os casais que se aproximam desse tipo de regime se encontraram normalmente na França, pois nesse caso a mulher demonstra um imenso interesse pela cultura francesa antes mesmo de encontrar seu cônjuge. Ela é totalmente desligada culturalmente de seu país. Não está empenhada em transmitir sua cultura para seu marido e para seus filhos. A cultura brasileira nesse regime é quase totalmente esquecida.

O casal do regime francês compreende que a existência de desigualdade entre os cônjuges vem pelo fato da existência das diferenças culturais. Sendo assim, eles buscam eliminar quaisquer traços que podem levá-los a serem considerados como casal misto culturalmente. As mulheres desse regime buscam a excelência no que diz respeito ao aprendizado da língua francesa e buscam aprender todos os códigos culturais de sociabilidade. Elas tendem apenas a frequentar locais com pessoas de nacionalidade francesa.

O grande desafio no percurso da vida da mulher na França é alcançar uma integração profissional no mercado francês. Esse objetivo é prioritário para ela, pois ela demonstra não aceitar viver de forma dependente financeiramente de seu marido. Para facilitar esse processo e alcançar esse objetivo, duas estratégias são elaboradas. A primeira é a de procurar uma profissão que não seja ligada à cultura brasileira; sendo assim, elas procuram carreiras que precisam de uma longa formação, como grandes estudos

em universidades e outras formações para se aperfeiçoarem ao máximo e obterem mais chances de competitividade. A segunda estratégia é voltada à ideia de usar a cultura de origem como uma oportunidade de acrescentar pontos positivos em seus currículos, como no caso de mulheres que buscam trabalhar, por exemplo, com arte ou educação. Nesse último caso, a cultura brasileira seria um simples instrumento de utilidade e não de ligação sentimental.

9. A RELAÇÃO CONJUGAL FRANCO-BRASILEIRA ENQUANTO RESULTADO DE UMA CONSTRUÇÃO ESTRATÉGICA E INTENCIONAL

Esses casais elaboram estratégias para formar uma relação conjugal em que cada um acredita num modo particular que convém as suas representações sociais e culturais de uma vida conjugal. Em relação às estratégias, compreendemos que elas são igualmente construídas para diminuir ou ajustar o que poderia trazer mais dificuldades para um ou para outro em nível cultural, mas também para ajustar a relação puramente individual. O que significa que o papel da relação amorosa dos casais franco-brasileiros não se limita unicamente no que diz respeito à cultura do país do homem ou da mulher. Outros fatores são ajustados pela dinâmica estratégica ou pela negociação para que eles consigam ficar juntos e encontrar o prazer na vida conjugal. Compreendemos nesta análise que a relação conjugal franco-brasileira não é simplesmente um laboratório para apreender a conjugalidade das “culturas”, mas é um meio de compreensão da relação amorosa, conjugal, familiar dos indivíduos, no qual pudemos demonstrar uma ultrapassagem das normas pela *mixidade* cultural e o estabelecimento de suas construções estratégicas para chegarem a esse estado em que as normas não concernem unicamente aos indivíduos da mesma nacionalidade, mas também com aqueles que vivem dentro do espaço geográfico sociocultural.

O modo de “transplantação” da mulher brasileira revela o regime conjugal que o casal terá. A mulher que tinha uma intenção de viver fora de seu país demonstra uma abertura de espírito para compreender a cultura do outro. Ela buscou estudar a língua francesa e se preparar para sua chegada ao país estrangeiro, como vimos no caso dos casais que se encontraram na França ou em outro país, mas que não tenha sido o Brasil. No entanto, a intencionalidade do indivíduo não o protege das dificuldades de um processo de integração. Toda e qualquer mulher estrangeira nesse processo pode ser confrontada, seja pelo fato de não falar a língua do país de residência, seja pela questão temporal em que ela se encontra nesse país, pois o tempo de vida num novo país conta no processo de adaptação, ou a falta da família, dos amigos, do trabalho e também a de conhecimento de outros códigos sociais inerentes a um processo de integração. Na experiência da mulher estrangeira brasileira existe ainda um fator particular, que é seu “estereótipo”. Ele, sendo uma representação positiva e negativa (ROMAN, 2007), cria mais barreiras na construção conjugal, social e profissional dos casais franco-brasileiros,

pois se a mulher próxima, por exemplo, do “regime brasileiro”, como vimos na tipologia, usa estrategicamente sua imagem estereotipada como meio de autovalorização em sua vida conjugal, em contrapartida a mulher brasileira que busca uma integração mais próxima dos padrões do país receptivo, buscando uma inserção profissional, pode traduzir seu estereótipo como uma barreira a ser ultrapassada. Compreendemos também neste estudo que as mulheres brasileiras transplantadas não se enquadram no mesmo modo de vida conjugal e social, pois, mesmo que elas sejam do mesmo país e cultura, as experiências se diversificam por seu estado de intenção no projeto de vida com um homem de cultura diferente e num novo país de residência. Nesse caso não é porque estamos nos referindo à mulher brasileira, mas os indivíduos se diferenciam por suas experiências pessoais, como vimos no caso também das americanas transplantadas: “Uma mulher transplantada nunca é idêntica a outra no que se refere a sua própria natureza, seus problemas e sua maneira de resolvê-los” (VARRO, 1984, p. 15). De fato, para compreender o modo de construção conjugal dos casais franco-brasileiros, segundo a transplantação da mulher brasileira, temos de levar em consideração não somente sua característica cultural de seu país de origem, mas igualmente sua história pessoal, seus objetivos, seu projeto de vida, seu meio social, suas expectativas em relação a sua vida individual.

REFERÊNCIAS

- BAECHLER J. *La nature humaine*. Paris: Hermann, 2009.
- _____. *Le devenir*. Paris: Hermann, 2010.
- BARBARA, A. *Les couples mixtes*. Paris: Bayard, 1993.
- BOZON, M.; HÉRAN, F. *La formation du couple. Textes essentiels pour la sociologie de la famille*. Paris: La Découverte, 2006.
- CHAUMIER, S. *La déliaison amoureuse. De la fusion romantique au désir d'indépendance*. Paris: Armand Colin, 1999.
- CHERKAOUI, M. *Dictionnaire de la sociologie*. Paris: Larousse-Bordas, 1997.
- DURKHEIM, E. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Flammarion, 2010.
- GEBAUER H.; VARRO. G. Femmes transplantées. In :VARRO G. (Dir.), *Les couples mixtes et leurs enfants en France et en Allemagne*, Paris, Armand Colin, 1995.
- GIRARD, A. *Le choix du conjoint, une enquête psycho-sociologique en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.
- HURTEBISE, R. La parenté dans les rapports amoureux: analyse d'un siècle de correspondances amoureuses au Québec. In: BAWIN-LEGROS, B.; KELLERHALS, J. *Relations intergénérationnelles. Parenté, transmission, mémoire*. Universités de Liège et Genève, 1991. p. 115-124.
- MORIN, E. *L'esprit du temps*. Paris: Grasset, 1962.
- RITTINER, M. E. A experiência dos casais interculturais: as mulheres culturalmente transplantadas. Artigo, Primeiro Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa, 2010. Disponível em: <<http://seminariobrasileuropa2010.wordpress.com/2010/05/29/hello-world/>>.
- ROMAN, A. B. de O. *Les femmes brésiliennes dans la presse féminine française durant l'année du Brésil en France: une représentation stéréotypée et sexiste*. Mémoire de Master 2 Recherche sous la direction de J. Guyot. Université Paris 8, 2007.
- SINGLY, F. de. *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris: Armand Colin, 2009.
- VARRO G., *La femme transplantée. Une étude du mariage franco-américain en France et le bilinguisme des enfants*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1984.
- VARRO, G. *Les couples mixtes et leurs enfants en France et en Allemagne*. Paris: Armand Colin, 1995.
- WEBER, M. *Economie et société*. Paris: Plon, 1971.

NOTAS

- ¹ Nós nos referimos ao casal franco-brasileiro como “misto” levando em consideração que cada cônjuge pertence a uma cultura diferente, mesmo que depois do casamento algumas mulheres já possuam nacionalidade francesa.
- ² A *Escolha do Cônjuge* (1964) de Alain Girard tornou-se uma das obras de referência para a pesquisa científica sobre a formação do casal na França.
- ³ Esse termo não existe no dicionário da Língua Portuguesa, mas o utilizarei como uma tradução do termo “mixité” da Língua Francesa. *Mixité* é uma noção sociológica importante e muito usada dentro da linha desse tipo de pesquisa. A palavra “mistura” (Língua Portuguesa), que é mais próxima, não seria apropriada para este estudo. A autora Maria Eduarda Noura Rittiner (2010) também usou o termo “mixidade” pela mesma questão sociológica.
- ⁴ As três modalidades que citamos aqui correspondem aos três regimes-tipos que desenvolvemos no centro da explicação metodológica da nossa pesquisa: o regime misto, o regime brasileiro e o regime francês.